

ANÁLISE CRÍTICA DA REALIDADE COMO MÉTODO TEOLÓGICO A PARTIR DO LIVRO DE JÓ

Francisco Márcio Bezerra dos Santos³
Phillipe Villeneuve Oliveira Rego⁴

RESUMO

Fazer teologia é uma tarefa árdua que requer, como toda área do saber, métodos específicos os quais ajudem a elaborar respostas para os diversos problemas enfrentados na sociedade humana. O livro de Jó manifesta-se como uma literatura de resistência ao método tradicional de fazer teologia em sua época, marcado por uma “leitura engessada” da retribuição, conforme a qual aos justos cabe necessariamente a bênção; e, aos ímpios, necessariamente o castigo. Entretanto, o autor sagrado evidencia veementemente a fragilidade deste tipo de teologia que tenta enquadrar a realidade em dogmatismos pré-fabricados, incorrendo no grave risco de ignorar/deturpar a realidade das coisas, a fim de não mudar seus métodos “infalíveis”. Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo evidenciar a postura crítica do livro de Jó contra a teologia dominante em seu tempo e sua insistência em propor uma teologia que parta da realidade e dos problemas do povo, a fim de dar-lhe respostas legítimas para tais questões. Para isso, a pesquisa será dividida em três momentos. Inicialmente, apresentar-se-á as duas faces distintas do personagem Jó, o qual assume traços bem diferentes na parte narrativa e na parte poética. Em seguida, será explicitada a postura crítica sustentada pelo livro à teologia retributiva de seu tempo, a qual ignorava a realidade em nome de suas “seguranças”. Por fim, propor-se-á uma hermenêutica libertadora, influenciada pelo método do livro de Jó, a qual parta da realidade para elaborar teologias que considerem os problemas enfrentados pelos homens e mulheres de cada tempo, denominada aqui o nome de *prototeologia*, em oposição àquela teologia de segunda categoria (*deuteronoteologia*) que apenas repete o que outros disseram.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia da Retribuição. Prototeologia. Análise crítica da realidade. Método. Dêuteroteologia.

1 INTRODUÇÃO

O personagem Jó é certamente muito conhecido no imaginário popular, sobretudo por sua fama de paciente. Contudo, esse pensamento revela grande limitação na compreensão tanto da obra quanto do personagem. É possível afirmar que, ao falar de Jó, a grande maioria das

³ Bacharel em filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e mestre em Teologia pela mesma instituição. Membro Pesquisador do Grupo de Pesquisa “A Bíblia em Leitura Cristã” (FAJE). Atualmente é professor e coordenador do curso de Teologia da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte. E-mail: fcomarciofni@hotmail.com.

⁴ Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). E-mail: phillipe.villeneuve27@gmail.com.

peessoas traz à mente os dois primeiros capítulos da obra e frequentemente entende Jó à luz de 1,21, ápice de sua personalidade paciente. “Nu sai do ventre de minha mãe, nu voltarei para lá. O Senhor deu, o Senhor tirou. Bendito seja o Senhor”.

Entretanto, o personagem central deste livro não pode ser reduzido monoliticamente a esta visão. Acredita-se que uma análise mais atenciosa da obra pode revelar traços deste personagem que, muitas vezes, passam despercebidos pela compreensão popular. Esses traços ajudarão a compreender a mensagem teológica da obra que propõe a análise crítica da realidade como elemento basilar para uma teologia correta. Ademais, evidencia-se a crítica ao que se intitula aqui de dêuteroteologia, ou seja, aquela teologia de “segunda mão”, cujo princípio fundamental não é a experiência pessoal e intransferível com Deus, mas uma teologia pré-fabricada por terceiros.

No primeiro momento, analisar-se-ão as partes narrativas e poéticas em busca de elementos que ajudem a traçar as características de Jó em cada parte da obra. Posteriormente, explicitar-se-á sua crítica à chamada teologia de retribuição e sua forma quadrática de pensar a ação de Deus. Por fim, partindo da práxis de Jesus, propõe-se uma hermenêutica que liberte o ser humano dos esquemas pré-fabricados, os quais tendem a limitar a experiência ético-religiosa.

2 FACES DISTINTAS DE UM MESMO PERSONAGEM

Este primeiro momento visa a analisar algumas características da personagem Jó tanto na parte narrativa quanto na parte poética. O objetivo é evidenciar as incoerências da personagem, as quais revelam um pouco do processo redacional do texto. Para isso, primeiro serão analisadas algumas características dos dois primeiros capítulos e, em seguida, abordar-se-á alguns textos da parte poética.

2.1 Os traços de Jó nos capítulos 1 – 2 e 42,7-17

A parte mais conhecida da obra apresenta o seu personagem principal como modelo de extrema piedade e reverência a Deus. O gênero narrativo marca o início e o fim da obra,

funcionando como um prólogo (1 – 2) e um epílogo (42,7-17) nos quais a fidelidade e, principalmente, a gratuidade de Jó são postas em xeque

Os dois primeiros capítulos apresentam-no como homem ideal, justo e piedoso. Já os primeiros cinco versículos desempenham uma função fundamental para a temática da obra. É uma introdução que pinta o perfil de Jó como homem extremamente piedoso e temente a Deus. Merece destaque as virtudes atribuídas ao personagem principal no v.1 e reafirmadas no v.8.⁵

Já o primeiro versículo dá ao leitor um prognóstico de Jó: trata-se de um homem realmente íntegro em quem não há deturpação nem falsidade. Sua conduta está totalmente pautada numa vida ética e reta, cujo princípio fundamental é o seu temor a Deus. Depois de apresentar o perfil ético de Jó, a obra expõe sua riqueza, compreendida como consequência natural de sua piedade. A ela aparece como consequência da justiça, afirmada anteriormente por meio dos quatro termos supracitados. Assim, esse primeiro momento da introdução destaca o justo que traz em sua vida os sinais da bênção divina: riqueza e muitos filhos.

Merece nota também o v.5 que comporta a purificação dos filhos de Jó. Trata-se de um artifício literário para negar qualquer possibilidade de castigo divino ou desgraça na vida de Jó e de seus familiares em consequência de pecado. No fundo, é uma forma de negar desde já o eixo central da argumentação dos amigos de Jó.

A partir de agora começa a alternância entre cenas celestes e terrestres cuja questão principal repousará sobre a fidelidade desinteressada de Jó: “É por nada que Jó teme a Deus?” (Jó 1,9). Nesta interrogação, Satã põe em xeque não somente o temor de Jó, fundamento de sua piedade, mas principalmente a gratuidade do seu temor. Em síntese, o homem será provado em sua fidelidade e gratuidade. Os sinais da bênção e da proteção divinas desaparecem de sua vida, é instigado por sua esposa a amaldiçoar a Deus e morrer, mas, apesar de tudo isso, sua integridade permanece e não comete pecado algum. Por um lado, o adversário acusa Jó de uma fé interesseira que permanece inabalável enquanto os sinais da bênção estiverem presentes em sua vida. Por outro, é possível perceber indícios de uma acusação também contra Deus que

⁵ O texto hebraico atribui a Jó os seguintes lexemas: *tām*, *yāshshār*, *yāre’* e *sūr*. O primeiro, comporta a ideia de integridade, perfeição e completude. O segundo, expressa sua retidão com a qual segue os preceitos divinos. Por seu turno, o terceiro termo pode ser traduzido por temente e revela o seu modo de se relacionar, de forma reverente com o divino. Não se trata de sinônimo de medo, mas de reverência. Por fim, o verbo *sūr* (afastar-se), aponta Jó como alguém que se afasta de tudo o que não é desejado por Deus.

“levantou um muro de proteção” ao redor de Jó (1,10). No fundo, Satã acusa ambos de uma relação interesseira: Deus protege Jó porque é justo, e Jó é justo porque Deus o protege.

Em face a tal acusação, os sinais da bênção são retirados da vida de Jó, que permanece fiel e paciente diante da prova: “O Senhor deu, o Senhor tirou. Bendito seja o Senhor” (Jó 1,21). A cena terrestre termina com a constatação de que Jó não cometeu pecado algum (Jó 1,22). Todavia, o segundo capítulo aumenta a dramaticidade da prova, passando dos bens para a carne de Jó: “Para salvar sua vida, o homem dá tudo o que possui” (Jó 2,4). Observe-se, porém, que não se trata de mero sadismo divino, no qual Deus se alegra por ver seu servo fiel sofrer. Trata-se de ressaltar a profunda confiança que Deus tem na retidão e na gratuidade de seu servo. O essencial é a observação do v. 10c: “Apesar de tudo isso, Jó não cometeu pecado com seus lábios”. Portanto, a suspeita de Satã foi, mais uma vez, anulada. Não há, na boca de Jó, maldição ou mesmo murmuração contra Deus.

Assim, observa-se que o personagem Jó dos capítulos 1-2 carrega em si duas características essenciais para a narrativa: justiça e paciência. A justiça aponta para a lógica de uma retribuição positiva conforme o pensamento da época, ao passo que a paciência mostra que, mesmo diante da situação adversa, Jó permaneceu em seu caminho de integridade não cometendo pecado, não merecendo castigo. Portanto, o personagem está totalmente protegido contra os argumentos acrílicos da teologia da retribuição: mesmo fiel, encontra-se pobre, sem filhos e gravemente enfermo.

2.2 Os traços de Jó segundo a parte poética

Inicialmente, merece destaque o capítulo 3, que serve de transição da parte narrativa para a poética. Já no v. 1, Jó rompe o silêncio e age radicalmente diferente do que havia sido apresentado nos capítulos anteriores. O autor coloca na boca de Jó palavras duríssimas que provocam a reação firme dos amigos. Ele amaldiçoa o dia do seu nascimento, apresentando uma visão negativa de sua própria criação.

Os vv. 10-19 intensificam o drama de Jó explicitando o seu desejo de não ter sequer nascido. Não se trata do anseio por morrer, mas sua vontade é de sequer ter vindo ao mundo,

pois estaria tranquilo na mansão dos mortos e não passaria por todo o tormento que o toca. Na fala de Jó, é mais desejável ser um abortivo que viver da forma como está.

O sofrimento que o toca tem um motivo bem específico, expresso no v. 25: “Sucedeu-me o que eu mais temia, o que mais me aterrava, acontece-me”. O seu maior temor é a possibilidade de achar injustiça em Deus. Diante dos fatos que acontecem e da certeza de sua inocência, ele tem duas possibilidades: acusar Deus de injustiça ou questionar o esquema teológico da época.

Por outro lado, seus amigos defendem insistentemente que seu sofrimento é consequência de algum pecado (Jó 4,7-8.17; 9,20; 15,14-15; 22,2-10 etc.), mas Jó não abre mão de sua inocência e de sua retidão, a ponto de acusar até mesmo Deus (9,20). Assim, nota-se traços de um Jó resoluto, destemido e questionador que defende sua inocência diante de seus amigos e mesmo de Deus (13,16-23).

A intensidade de seu sofrimento é tamanha que Jó compreende-se como alguém entregue por Deus aos injustos e jogado nas mãos dos ímpios (16,11), cuja esperança é habitar o Sheol para não mais sofrer (17,13). Portanto, o Jó desta segunda parte carrega uma grande angústia, cujo motivo não é apenas o sofrimento em si, mas há uma questão teológica por trás. Essa questão coloca em xeque a justiça de Jó ou a justiça divina. Seus amigos buscam ver a situação da forma mais simplória possível: “Jó pecou e Deus o castigou” (teologia da retribuição). Mas, o insistente Jó pede que se tenha um novo olhar para a realidade, que se escape desse engessamento teológico que prefere deturpar a realidade para não pôr em risco a teologia tradicional. Nesse sentido, Rossi esclarece:

Os quatro amigos representam o pensamento teológico oficial em Israel, ou seja, defendem a justiça de Deus e afirmam o agir humano e seus consequentes pecados como causa para qualquer desgraça na vida humana. Os amigos falam a partir do discurso oficial, mas Jó fala a partir da periferia, do luto, do abandono, da enfermidade e da humilhação (ROSSI, 2017, p. 34).

Nesse sentido, mais que um discurso sapiencial acerca do sofrimento do justo, o livro quer ser uma literatura de resistência ao modo de pensar a ação de Deus naquele momento, entendida numa leitura mecânica da realidade sob o prisma da retribuição. Partindo dos sinais da bênção (riqueza, vida longa e prole), a teologia tradicional entendia esses elementos como

materialização da benevolência divina. Por outro lado, sua ausência seria o claro indício de maldição/castigo em consequência de algum pecado cometido.

Exatamente por isso é tão relevante para Jó a defesa de sua inocência, pois ela comprova que algo está errado. O dado irrenunciável da justiça de Jó deixa apenas duas opções: Deus está sendo injusto ou o esquema tradicional, o método teológico, não condiz com a realidade. Desse modo, as indagações levantadas pelo personagem, mais que luta contra Deus, é resistência e indignação contra a mentalidade simplória da época, a qual muitas vezes legitimava riquezas injustas como frutos da bênção divina. A constatação de Jó é simples: há ímpios que trazem consigo os sinais da bênção e justos que não os trazem (Jó 21). É evidente que algo está errado! A sua própria vida é a prova cabal de que esta mentalidade não se confirma na realidade: “Esperei felicidade, veio-me a desgraça; esperei a luz, veio-me a escuridão” (Jó 30,26).

Em suma, as características do personagem Jó, na parte poética, são bem diferentes das apresentadas no bloco narrativo. Agora, sua personalidade é marcada pela inquietação, o questionamento e a indignação, pois aquilo que ouviu da teologia tradicional: O justo é sempre abençoado, não se comprova em sua vida. Nesse sentido, a busca de Jó por uma compreensão primeira de Deus aparece como método teológico, o qual não se compraz com dêuteroteologia, ou teologia de segunda mão, mas esforça-se por elaborar uma teologia cujo ponto de partida seja a experiência pessoal e não formulações de terceiros.

3 A CRÍTICA AO PENSAMENTO TEOLÓGICO DA ÉPOCA

A criticidade da seção poética, expressa a crítica profunda à forma tradicional de fazer teologia na época da composição da obra, no período persa (KNAUF; GUILLAUME, 2010, p. 607). Esta teologia surge para preencher um vazio dentro da compreensão escatológica primitiva de Israel, segundo a qual todas as pessoas ocupavam o mesmo lugar após a sua morte: o Sheol. Entretanto, essa mentalidade configura um sério problema para o tema da justiça divina. Por se tratar do destino último de todos os mortos, independentemente de como procederam enquanto vivos, não havia forma alguma para distinguir bons e maus; pois, no fim da vida, todos eram igualados num só lugar.

Ao tematizar a retribuição de ímpios e justos, a teologia da retribuição aparece como uma forma de solucionar este impasse. Tendo em vista que não há distinção no pós-morte, a retribuição se dá durante a vida, por meio de um esquema lógico simples: Deus abençoa os justos e castiga os ímpios. Na teoria vê-se um modelo razoável, todavia a verificação da realidade denuncia o esquema, pois muitas vezes o injusto pode trazer, em sua vida, os sinais da bênção, enquanto o justo experimenta o oposto. É o caso de Jó.

O autor trabalha incisivamente a justiça de Jó com o objetivo opor-se à maneira tradicional de pensar. É possível dizer que Jó torna-se a figura representativa de uma realidade verificável na história de Israel e da humanidade toda: “há justos que sofrem e ímpios que trazem os sinais da bênção divina”. Tendo em vista que a realidade não se constata nesse esquema simplório da teologia da retribuição, é preciso mudar a lógica: o esquema teológico deve ser lido à luz da realidade, mas a teologia da retribuição faz exatamente o oposto: lê a realidade à luz de um esquema teológico pré-fabricado.

Essa hermenêutica viciada pode causar sérias deturpações da realidade, pois provoca uma leitura acrítica, identificando sempre o rico como justo abençoado, e o pobre como ímpio castigado. Nesse sentido, o livro de Jó é uma voz crítica contra este tipo de leitura hermenêutica. A obra insurge contra a deturpação da realidade em favor de um esquema teológico que não corresponde ao que é verificado no cotidiano da vida. “À leitura opressora da tradição por seus amigos, Jó opõe sua experiência, sua própria reflexão e sua leitura subversiva das tradições” (KNAUF; GUILLAUME, 2010, p. 611).

O livro propõe um novo modo de fazer teologia, cujo ponto de partida é a experiência pessoal e não a experiência de terceiros ou esquemas preestabelecidos por outros. Trata-se de um convite à prototeologia, ou seja, uma teologia de primeira mão. Assim, livro de Jó faz emergir um novo método teológico, que supera a leitura mecânica da realidade, fazendo dela a base do fazer teológico, suplantando o esquema tradicional da retribuição mecânica.

4 PROPOSTA DE UMA HERMENÊUTICA LIBERTADORA

Partindo então dessa nova leitura teológica, proposta pelo livro de Jó, fala-se em uma hermenêutica libertadora, cuja marca principal é possibilitar a releitura livre de esquemas determinados, defendidos pela mentalidade hegemônica.

Nesse sentido, é possível afirmar que a obra propõe uma saída do comodismo hermenêutico mecanicista no qual Israel estava inserido, marcado por uma leitura simplória da realidade segundo o modo de pensar da teologia da retribuição. É uma tentativa de superar um modo de pensar que não corresponde com a realidade. Assim, a obra propõe que se priorize a realidade, assumida como ponto de partida para uma reflexão à luz da fé.

Essa conclusão é bastante importante se se leva em consideração que esta postura não é estranha ao cristianismo. Na verdade, o pensamento crítico ao modelo estático da compreensão teológica, percebido no livro de Jó, também faz parte da práxis de Jesus que, por meio de seus questionamentos, insere uma nova lógica no antigo modo de pensar judaico.

Partindo dos relatos evangélicos, é claro que Jesus assumiu em sua vida uma postura contra o modo comum de ver o mundo na religião judaica. Isso pode ser verificado, entre outros momentos, por meio da expressão “Eu, porém, vos digo”, tão presente no Sermão da Montanha, através da qual Jesus apresenta uma visão que foge do senso comum da fé e provoca novas hermenêuticas de antigas leis.

Compreendendo que esta postura é claramente verificável na vida pública de Jesus, acredita-se que é radicalmente válida para uma autêntica releitura cristã da realidade. Nesse sentido, é necessário que o mundo cristão volte à sua inspiração primeira de ortopraxis: Jesus Cristo. Assim, fugirá dos mesmos vícios criticados por Jesus na religião oficial de seu tempo.

Trata-se de retirar o véu que muitas vezes cega os olhos do homem religioso, o qual tende a acostumar-se a estruturas rígidas e mentalidades engessadas, as quais se esforçam para salvaguardar os “esquemas tradicionais” mesmo que não correspondam à realidade. Todavia, Jesus convida a uma reflexão que salvaguarda e se compromete com a realidade. Em última instância, é possível dizer que Jesus dá prioridade à necessidade humana, provocando uma espécie de “reviravolta antropológica”, na qual o mais relevante é levar em consideração as angústias da vida humana para dar-lhes respostas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como ponto de partida as duas faces apresentadas para o personagem central do livro de Jó, explicitou-se a crítica elaborada pelo livro contra a teologia da retribuição, ainda em voga no período de elaboração do texto. Esta crítica tem por objetivo fazer com que Israel supere o modo tradicional de fazer teologia, o qual não bate com a realidade observada, provocando uma mudança de paradigma teológico: o ponto de partida da reflexão deve ser a realidade. Essencial é perceber que esta proposta não é algo isolado em Jó, mas verificável em Jesus e na Igreja primitiva. Destarte, esta proposta foi certamente um dos motivos que levou Jesus à condenação e morte, assim como à perseguição da Igreja primitiva.

Em síntese, o presente artigo pontuou o olhar crítico do livro de Jó contra a teologia da retribuição, compreendida como um modo engessado de pensar a ação de Deus. A obra literária convoca seus leitores a transcenderem o esquema mental (método teológico) da época, a fim de pensar a partir da realidade vivida. Nesse sentido, mais que apenas uma reflexão sobre o sofrimento do justo, o livro porta-se como verdadeira crítica à teologia da retribuição, caracterizada pela teologia do Deus previsível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. Impr. São Paulo: Paulus, 2003.

KNAUF, Ernst Axel; GUILLAUME, Philippe: Jó. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (Orgs.). **Antigo Testamento: História, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola. 2010.

LÍNDEZ, José Vílchez. O livro de Jó. In: _____. **Sabedoria e sábios em Israel**. São Paulo: Loyola. p. 137-165. 1999. (Bíblica Loyola – 25).

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Origem do sofrimento do pobre: Teologia e antiteologia no livro de Jó**. São Paulo: Paulus. 2017.